

## RESENHA

**CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.**

Vera Cruz de Oliveira Moraes<sup>1</sup>

Bernard Charlot é professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris VIII Saint Denis. O referido livro possui 93 páginas que contemplam o trabalho da equipe de pesquisa ESCOL, que desenvolve estudos sobre as relações com o saber e com a escolha de jovens que freqüentam estabelecimentos de ensino em subúrbios.

Na introdução e no capítulo 1, o autor aborda a noção de fracasso escolar como um objeto de pesquisa “inencontrável”. Essa noção de fracasso escolar é utilizada para exprimir tanto a reprovação quanto a não aquisição de certos conhecimentos. Isso pode ocorrer em qualquer série ou ciclo. Pela amplitude e diversidade a que o fracasso escolar reporta-se, envolve, a partir disso, debates sobre: aprendizado; eficácia dos docentes; serviço público; igualdade de chances; recursos que o país deve investir em educação; os modos de vida e o trabalho da sociedade; as formas de cidadania.

Charlot afirma que não existe fracasso escolar; existe, sim, alguém em situação de fracasso. Segundo ele, existem alunos fracassados, histórias escolares que terminam mal. O que deve ser analisado são essas histórias, essas situações. O autor enfatiza dois pontos de estudo sobre o fracasso escolar: o primeiro, as deficiências sócio – culturais, a diferença e a falta; o segundo, a análise em termos de diferenças e saberes escolares.

Nos capítulos 1 e 2, aborda a questão da sociologia dos anos 60 e 70, que analisou o fracasso escolar como diferenças entre posições sociais (Bourdieu e Passeron; Baudelot e Establet; Bowles e Gintis).

O trabalho mais completo é o de Bourdieu, que defendia a idéia de que a posição social dos pais corresponde às diferenças de posição escolar dos filhos. É a reprodução das diferenças. Charlot argumenta sobre a necessidade de entender que só a categoria sócio-profissional do pai é insuficiente para explicar o fracasso ou sucesso escolar dos filhos. É

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

preciso levar em consideração o papel da mãe, da irmã mais velha, ou até mesmo a posição social dos avós.

A posição da criança constrói-se ao longo de sua história e é singular, devendo ser levada em consideração. É necessário distinguir a posição objetiva da subjetiva. O sucesso na escola não é questão de capital, mas, sim, de trabalho, atividades práticas, de posições escolares, não de qualquer outra posição.

Charlot usa a expressão *handicap* para explicar o que seja falta, deficiência, sempre colocando essas lacunas na origem dos pais. Mas, ao mesmo tempo, questiona que faltas são essas. Salienta que, em situações de fracasso, constatam-se algumas delas: diferenças entre os alunos que apresentam dificuldades para aprender e os que não apresentam; diferenças entre o que se esperava e o resultado efetivo. O aluno não sabe, não sabe fazer, não é isso ou aquilo. Seria o momento de interessar-se pela atividade do aluno e pela do professor e perguntar-se: o que aconteceu? Em que a atividade não funcionou?

Certas crianças de famílias populares não conseguem, de fato, aprender, mas existem as que conseguem. Assim sendo, a teoria da deficiência deveria ser fragilizada. É de senso corrente que as crianças que conseguem aprender possuem um dom. Dessa forma, a teoria da deficiência sociocultural apóia-se em fatos que são selecionados e reinterpretados. A noção de deficiência também proporciona importantes benefícios ideológicos aos docentes de qualquer crítica, uma vez que o fracasso escolar não é imputado às práticas docentes.

A relação com o saber implica fazer uma leitura positiva dessa realidade; liga-se à experiência dos alunos, à sua interpretação do mundo, à sua atividade. Leitura negativa é a forma como as categorias dominantes vêem as dominadas. A leitura positiva é uma postura epistemológica e metodológica. Trata-se de explicar de outra maneira uma situação na qual o aluno efetivamente fracassa.

No terceiro capítulo, o autor enfatiza a sociologia do sujeito, afirmando que o sujeito é um ser humano, um ser social, um ser singular. Segundo Charlot, esse sujeito age no e sobre o mundo; encontra a questão do saber como necessidade de aprender, produzindo a si próprio, por meio da educação. Surge uma dificuldade, porque o sujeito da educação é um ser social. Como pensar o sujeito como ser social, se a sociologia construiu-se separando-se das teorias do sujeito? (uma Sociologia sem sujeito de Durkheim e Bourdieu). Em Durkheim, os fatos sociais só podem ser explicados por fatos sociais. A noção de representações coletivas permitirá

que Durkheim pense em fenômenos psíquicos sem referência a um sujeito. A noção de *habitus* em Bourdieu cumpre a mesma função.

O aluno do qual se fala é uma figura que o sociólogo constrói para dar forma individual a uma posição social. Em tal aluno, só se vê e pensa o que é posição social. Assim, a relação com o saber do “aluno de família de camada popular” é apenas a interiorização, em um dado psiquismo, da relação de saber: de relações entre posições sociais à medida que essas relações põem em jogo a questão do saber.

A sociologia de Bourdieu é útil para se compreender a relação dos alunos com o saber, pois o sujeito ocupa efetivamente uma posição no espaço social, mas é insuficiente, pois não permite pensar a experiência escolar.

No capítulo 4, o autor discorre sobre a sociologia da experiência escolar que se encontra expressa em François Dubet – Sociologia da Subjetivação. Na sociologia clássica, a sociedade é vista como “unidade funcional”, ou seja, analisa as funções sociais, as normas, os valores e os interesses em jogo na sociedade. Hoje, não é mais possível satisfazer-se com tal sociologia. A sociedade não pode ser considerada como um sistema unificado, nem a escola pode ser analisada como um sistema regido por uma única lógica, como uma instituição que transforma princípios em papéis. A experiência escolar produz subjetividade; e experiências escolares diferentes geram formas diferentes de subjetividade: assim, a escola “fabrica” ou contribui para fabricar atores e sujeitos de natureza diferente. Dubet estuda esse processo de subjetivação nos diferentes estágios do sistema escolar.

São várias as figuras de subjetivação. Dubet procura constituir a subjetividade como categoria sociológica, sem, por isso, ter de admitir o sujeito como objeto de análise do sociólogo. Ele apóia-se no conceito de interiorização. E a sociologia proporá que se estude o sujeito como um conjunto de relações e processos, podendo valer-se, para isso, da psicologia, antropologia, ciências da linguagem, entre outras, estabelecendo um diálogo.

No diálogo com a psicologia, deve estabelecer como princípio que toda a relação de mim comigo mesmo passa pela minha relação com o outro. Filósofos e antropólogos também afirmam o princípio de que a relação consigo supõe a relação com o outro. Portanto, é esse o princípio essencial da sociologia do sujeito: cada um leva em si o fantasma do outro. Aí está o princípio fundamental para compreender a experiência escolar e para analisar a relação com o saber. A relação escolar é relação consigo, com

os outros (professores e colegas) e com o saber. Autores da psicologia são citados: Piaget, Wallon, Vigotsky, Girard, que fundamentam a idéia de que o desejo é desejo do desejo do outro.

Autores como Beillerot, Blanchard – Laville, Mosconi trabalham a questão da relação com o saber do ponto de vista psicanalítico, e regridem no sentido de uma interpretação biologizante do desejo. Desviaram a teoria do desejo para a teoria da pulsão. Ambas as correntes centram-se nas mesmas e incorrem em limitações. A questão é antropológica e encontra-se ausente em Dubet, que situa a socialização e a subjetivação, mas esquece a hominização, ou seja, que o sujeito e seu desejo não são inteligíveis senão pela condição humana. Nesse ponto, é necessário partir da condição do filho do homem. Este é obrigado a aprender para ser (perspectiva antropológica). As exposições (em torno do homem) são de filósofos que colocam a condição inacabada do homem. É o animal que, ao nascer, vê-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se em um triplo processo: de hominização (tornar-se homem); de singularização (tornar-se um exemplo único de homem); de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela).

A equipe ESCOL analisa, nas relações com o saber, os aspectos mobilização, atividades, sentido. *Mobilização* insiste sobre a dinâmica do movimento; mobilizar-se é também engajar-se em uma atividade originada por móveis, porque existem “boas razões” para fazê-lo. O móvel deve ser distinguido da meta: é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a *atividade*. A criança mobiliza-se em uma atividade quando investe nela. A atividade possui uma dinâmica interna que supõe troca com o mundo, onde o sujeito encontra metas desejáveis, meios de ação e outros recursos, que não ela mesma. Finalmente, o *sentido*. “Significar é sempre significar algo a respeito do mundo, para alguém ou com alguém”.

A questão do aprender, apresentada no capítulo 5, é mais ampla que a do saber, em dois sentidos: existem maneiras de aprender e também outras relações com o mundo. Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber.

Aprende-se porque se tem a oportunidade de aprender (tema do capítulo 6), em um momento em que se está mais ou menos disponível para aproveitar essas oportunidades. O espaço do aprender é um espaço-tempo partilhado com outros homens. O que está em jogo nesse espaço-

tempo não é meramente epistêmico e didático. Existe, ainda, o saber como relação identitária.

Aprender é tornar-se capaz de regular a relação e encontrar a distância conveniente entre si e os outros, entre si mesmo. É o processo epistêmico distanciamento – regulação. A análise da relação com o saber, como relação social, não deve ser feita independentemente da análise das relações epistêmico – identitárias.

Na conclusão de seu livro, Charlot reforça o que já havia colocado no início: não existe o fracasso escolar. E para que este seja estudado, deve constituir-se em objeto de pesquisa.

Para desenvolver seu trabalho, o autor serviu-se da teoria de sociólogos, principalmente da teoria da reprodução, e da teoria de psicólogos. Sobre elas, argumentou favoravelmente ou não, expondo seus pontos de vista na pesquisa realizada.

Com linguagem clara e objetiva, encadeando bem os diferentes assuntos, o autor expõe suas idéias de forma interessante e abre nova perspectiva para estudar e interpretar o fracasso escolar. É uma obra destinada principalmente a professores e estudantes, que deveria ser lida e debatida em reuniões de professores, de qualquer nível de ensino e em qualquer tipo de escola, pois o assunto é instigante e, com certeza, trará à luz novas maneiras de encarar a relação com o saber.